



HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM TABATINGA: UM ESTUDO QUALITATIVO NO INTERIOR DO AMAZONAS

MALE HOMOSEXUALITY IN TABATINGA: A QUALITATIVE STUDY IN THE INTERIOR OF AMAZONAS

Daniel Cerdeira de Souza¹

Resumo: Objetivei compreender os significados da homossexualidade masculina para homens gays/bissexuais no município de Tabatinga, Amazonas. Seis homens foram submetidos a uma entrevista e a partir da Análise de Conteúdo, foram construídas três categorias: 1) Os caras héteros que “curtem”; 2) Relacionamentos com homens héteros casados com mulheres; 3) Infidelidade, que discutem dinâmicas da sexualidade envolvendo sigilo, performatividade de masculinidade e relações de poder. Observou-se um estilo de comunicação muito específico entre os participantes e homens que fazem sexo com homens que se identificam como heterossexuais, estes últimos foram percebidos como ativos na busca por sexo homossexual.

Palavras-chave: Masculinidades; Gênero; Sexualidade; Homens que fazem sexo com homens; Homossexualidade Masculina.

Abstract: This study aimed to understand the meanings of male homosexuality for gay and bisexual men in the municipality of Tabatinga, Amazonas. Six men were interviewed and, based on Content Analysis, three categories were constructed: 1) The straight guys who “enjoy it”; 2) Relationships with straight men married to women; 3) Infidelity. These categories discuss dynamics of sexuality involving secrecy, masculinity performativity, and power relations. A very specific style of communication was observed between the participants and the men who have sex with men but identify as heterosexual, the latter being perceived as active in the pursuit of homosexual sex.

Keywords: Masculinities; Gender; Sexuality; Men who have sex with men; Male Homosexuality.

1 Introdução

Realizar pesquisas no Amazonas é um grande desafio devido aos imperativos geográficos que dificultam o acesso às populações. Aliado a isso, quando se pesquisa sobre gênero e sexualidade na região, pode-se encontrar desafios outros que envolvem preconceitos e estigmas e romper tais questões torna-se relevante para a compreensão dos modos de vida ali presentes. Assim, este estudo se debruça sobre as práticas homoeróticas masculinas no município de Tabatinga, Amazonas.

Ao estudarmos as masculinidades, torna-se relevante localizar a compreensão sobre gênero, pois é a partir deste articulador teórico, aliado a outros, que as

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor assistente na Universidade Federal do Amazonas lotado no Colegiado de Pedagogia do Instituto de Natureza e Cultura, região da Tríplice Fronteira Brasil-Peru-Colômbia. Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos (Certificado CNPq). Benjamin Constant, Amazonas, Brasil. E-mail: dancerdeira01@gmail.com



investigaremos. Dessa forma, o conceito de gênero deste estudo parte de Butler (2003), que diz que este produz o sexo dito biológico através dos significados que lhes são atribuídos. O gênero é feito a partir da performatividade, que consiste na repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçam a construção dos corpos masculinos e femininos de forma binária como nós os vemos atualmente, ou seja, nos constituímos enquanto sujeitos masculinos/femininos a partir da performatividade.

É importante compreender que as masculinidades são significadas em meio a relações de poder. Kimmel (1998) explica que não podemos falar em um único modelo de masculinidade, pois estamos diante de cenários sociais onde vários modelos de masculinidades são possíveis. O autor defende que as masculinidades são construídas em dois campos de relações de poder: nas relações assimétricas com mulheres baseadas em desigualdades de gênero e nas relações assimétricas com outros homens baseadas em marcadores sociais como gênero, classe, etnia, sexualidade, idade, religiosidade, entre outros.

Connell e Messerschmidt (2013), estipularam alguns tipos de masculinidades que se estruturam social e historicamente, estando inter relacionadas. A masculinidade hegemônica, que é entendida como um padrão de práticas que possibilita a dominação de homens sobre todo o tecido social, sendo normativa por trazer a forma “mais honrada” de ser um homem e muitas vezes subordinando outras formas de masculinidades, porém apenas uma minoria dos homens consegue alcançá-la. A masculinidade tradicional naturalizada pela sociedade baseou-se em modelos de virilidade que tinham como pressupostos a força física, a potência sexual e o controle do homem sobre a mulher, evidenciados em episódios de violência simbólica e não simbólica que garantiam o domínio masculino na sociedade (Machado, 2016).

Além da masculinidade hegemônica, segundo Connell (1995), existem mais três padrões principais de masculinidade na ordem de gênero: A masculinidade cúmplice se define pela conexão com o projeto de masculinidade hegemônica, mas sem a completa incorporação deste projeto. São cúmplices porque percebem e desfrutam de algumas vantagens do patriarcado sem defenderem publicamente esta posição. A masculinidade marginalizada, que se refere a relações entre as masculinidades e classes étnicas dominantes e subordinados e a masculinidade subordinada, que diz respeito à dominância e subordinação entre grupos de homens, como é o caso da dominação dos homens heterossexuais e a subordinação dos homens homossexuais. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi compreender os significados da homossexualidade masculina para um grupo



de homens gays/bissexuais em Tabatinga, interior do Amazonas. Significados são concepções sociais e históricas compartilhadas por um grupo (Souza, 2018).

Pessoas dissidentes da heterossexualidade vivenciam muito mais estresse em comparação ao restante da população, o chamado estresse social minoritário. Para Meyer (2003), os membros de um grupo estigmatizado experimentam estressores comuns em maiores intensidades e estressores adicionais e únicos advindos de suas vivências minoritárias e envolve três aspectos: (a) a experiência direta de rejeição ou violência como resultado da orientação sexual; (b) a construção da própria identidade a partir das atitudes negativas da sociedade em relação à diversidade sexual; (c) a antecipação do preconceito, que está associada, por exemplo, a ocultação da orientação sexual.

Aliado a isso, podemos compreender que muitas das pesquisas que investigam práticas homoeróticas são focadas quase que exclusivamente no vírus da imunodeficiência humana (HIV) (Souza, 2022), deixando de lado outras experiências de vida de tais sujeitos. Na contra mão, pesquisas mostram homens dissidentes da heterossexualidade, principalmente aqueles que não performatizam aspectos da masculinidade tradicional, podem se encontrar em maior vulnerabilidade para a discriminação em áreas como o trabalho (Souza; Honorato; Beiras, 2021), a educação, incluindo a educação básica e superior nas formações iniciais e continuadas (Junqueira, 2010; Rebouças; Marinho; Silva, 2022; Souza; Silva; Santos, 2015) e também se encontram em vulnerabilidade aumentada para o uso de substâncias, inclusive no contexto do ato sexual, o chamado chemsex (Souza; Rodrigues; Araújo Neto, 2023) e para a violência na intimidade (Souza, 2022). Fenômenos como esse acarretam diversas consequências a saúde de tais sujeitos e faz com que muitos homens que fazem sexo com homens (HSH) vivam sua sexualidade permeada pelo sigilo como requisito fundamental, o que torna a permanência no armário um requisito quase que essencial da homossexualidade masculina.

Conforme Sedgwick (2007), o armário é um regime de controle da sexualidade que rege e mantém a divisão binária hétero/homo no ocidente desde fins do século XIX. Se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, marginalizando ao privado e ao segredo as relações homossexuais. O exercício da sexualidade “no sigilo” tem diversos desdobramentos que trazem danos à saúde dos sujeitos. Assim, a pergunta que norteou essa pesquisa foi: quais os significados da homossexualidade masculina para um grupo de homens gays/bissexuais em Tabatinga, interior do Amazonas?



2 Metodologia

O estudo é qualitativo, o que privilegia saberes subjetivos construídos em uma inter-relação entre pesquisador e participante (Creswell, 2010). O local da pesquisa foi o Município de Tabatinga, no interior do Amazonas. A Prefeitura da cidade explica que o município foi fundado em 10 de dezembro de 1981, pela Emenda Constitucional do Amazonas nº 12 e a instalação do município ocorreu em 1 de janeiro de 1983. Já dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), o município possui uma população de 66.764 pessoas, com um índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,616 e uma extensão territorial de 3.260.103 km². A cidade fica na região do Alto Solimões e faz fronteira com a Colômbia e o Peru.

Cinco homens gays e um homem bissexual participaram da pesquisa, escolhidos via bola de neve, uma técnica onde os indivíduos selecionados para a pesquisa convidam novos participantes da sua rede social e a quantidade de participantes vai crescendo na medida em que os indivíduos selecionados convidam novos sujeitos. Esta técnica é um método útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou que não há precisão sobre sua quantidade e foi utilizada considerando o contexto de discriminação contra homens dissidentes da heterossexualidade, no intuito de proteger a identidade dos participantes da pesquisa (Vinuto, 2014). Como critérios de inclusão, foram utilizados: Ter 18 anos ou mais; se identificar como homem gay ou bisexual e residir em Tabatinga. Já como critérios de exclusão: estar sob o efeito de alguma substância durante o procedimento de construção dos dados ou apresentar algum tipo de dificuldade (problemas de saúde, por exemplo) que impeça sua comunicação.

A ideia inicial consistiu em entrevistar o máximo de participantes o possível, para que a coleta fosse finalizada a partir do critério de saturação dos dados, mas houve muitos percalços no encontro de potenciais participantes na cidade. Foram contactados 26 sujeitos entre o mês de maio e novembro de 2024, dos quais somente 6 aceitaram a participação no estudo. A decisão pelo encerramento das tentativas de realizar novas entrevistas se deu pela dificuldade de acesso aos participantes, considerando o intervalo de tempo de meses. Assim, o encerramento da construção dos dados foi baseado no critério de amostra por conveniência (a amostragem que utiliza aqueles que estão disponíveis no momento da coleta) (Amatuzzi *et al.* 2006). A dificuldade de pesquisar sobre homossexualidade em cidades pequenas foi observada na pesquisa de Ferrari e Couto de Viveiros Barbosa (2015), e foi atribuída principalmente a questões do estigma



de ser homossexual, visto que em cidades pequenas, a comunidade tende a se conhecer com mais facilidade, visto que os corpos estão sob constante vigilância.

Os seis participantes que compuseram este estudo receberam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para assinatura, assim, dando ciência da pesquisa e seus objetivos e ficaram com uma cópia do documento. Todos os seis participantes se declararam homens cisgêneros, quatro participantes possuem o ensino superior completo, um deles o está cursando e outro possui o ensino médio completo. Cinco participantes se declararam pardos e um branco, bem como cinco se declararam homossexuais e um bissexual. Quanto ao estado civil, todos estavam solteiros no momento da entrevista e nenhum declarou possuir alguma deficiência. A faixa de renda dos participantes variou entre um e três salários mínimos. Quanto à área de trabalho, dois participantes trabalhavam na área de serviços, dois na área educacional e dois na área da saúde. A tabela 1 explicita as características dos participantes da pesquisa.

Tabela 1: caracterização dos participantes da pesquisa

Participante	Idade	Gênero/ Raça	Escolaridade	Identidade sexual	Orientação sexual	Estado civil	Faixa de renda	Área de Trabalho
Shun de Andrômeda	22 anos	Homem Cis/Pardo	Ensino médio completo	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Um salário mínimo	Serviços
Caio	33 anos	Homem Cis/Pardo	Superior cursando	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Até dois salários mínimos	Serviços
Naruto	30 anos	Homem Cis/Pardo	Superior completo	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Três salários mínimos	Saúde
Gabriel	30 anos	Homem Cis/Branco	Superior completo	Divulgada para pessoas próximas	Homossexual	Solteiro	Dois salários mínimos	Educação
Klaus	44 anos	Homem Cis/Pardo	Superior cursando	Divulgada	Homossexual	Solteiro	Até três salários mínimos	Saúde
Tobi	34 anos	Homem Cis/Pardo	Superior completo	Divulgada para pessoas próximas	Bissexual	Solteiro	Até três salários mínimos	Educação

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados da pesquisa, 2024

Os dados foram construídos mediante a entrevista semiestruturada individual. A entrevista é um encontro entre duas ou mais pessoas para que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto. Seu tipo foi a semi estruturada, seguindo um roteiro de tópicos flexíveis, privilegiando o diálogo entre os envolvidos (Creswell, 2010). As entrevistas tiveram duração média de 55 minutos e foram gravadas para



transcrição dos dados mediante autorização dos participantes e os mesmos escolheram pseudônimos para a garantia do sigilo de suas identidades.

Para análise dos dados, foi utilizado o procedimento de Análise de Conteúdo. Esse procedimento organiza-se em três fases, segundo Bardin (2011): I) pré-análise: é a organização de todos os materiais utilizados na coleta dos dados (correspondeu à transcrição das entrevistas). II) Exploração do Material: que consiste nas operações de codificação em função das regras que já foram previamente formuladas (após a transcrição, foram realizadas leituras flutuantes para a construção das categorias de análise). III) Tratamento dos resultados: é a fase de análise propriamente dita, onde os resultados brutos serão tratados de maneira a serem significativos (correspondente a discussão dos dados).

A pesquisa seguiu os critérios éticos definidos pelas resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que norteiam a pesquisa com seres humanos no Brasil. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, no CEP-UFAM nº 6.797.751, inscrito sob o código CAEE: 78262024.0.0000.5020. Por fim, informo que a pesquisa não esteve ligada a nenhuma modalidade de formação humana, tanto em nível de graduação ou pós-graduação, sendo uma iniciativa pessoal do autor e o estudo não contou com nenhum tipo de financiamento.

3 Resultados e discussões

3.1 Os caras héteros que “curtem”

A primeira categoria emergiu dos dados trazendo a informação de que no contexto do município, existem homens que se classificam como heterossexuais, mas que mantém relações com homens homossexuais, observemos:

Naruto: Pro sexo gay, aqui é um paraíso, porque muitos homens héteros curtem, então, em Tabatinga tu consegue. Ah, eu consigo me relacionar, ir para a cama com um cara hétero... é muito mais fácil.

O argumentado por Naruto pode ser compreendido a partir dos estudos da Teoria *Queer*. Casali e Gonçalves (2018) explicam que a Teoria *Queer* surgiu nos anos 1980 nos Estados Unidos e é uma teoria pós estruturalista que permite pensar as ambiguidades, contradições, diversidades e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, buscando romper com as lógicas binárias que resultam em hierarquias sociais sobre os corpos que divergem dos padrões estabelecidos socialmente. Costa (2009) explica que para a compreensão deste sujeito têm-se o conceito de HSH e que essa terminologia separa a



perspectiva de que identidade sexual – homossexual, bissexual e heterosexual – das práticas sexuais adotadas pelo sujeito e essa categoria passou a ser chave no desenvolvimento de políticas públicas relacionadas ao HIV, visto que passou a ser uma forma de alcançar homens que vivenciam práticas homoeróticas mas que geralmente não se identificam como homo/bissexuais pois isso poderia representar uma ameaça a sua masculinidade. Naruto continua nos dando pistas sobre o hétero que curte:

Naruto: Os caras que curtem são os héteros, né? Que dizem que curtem homem. Que eles não se consideram gay, eles só estão ali por prazer pra dar uma gozada. É tipo um amigo, colega que se considera hétero, aí ele chega e diz que porque é amigo e tá um pouco atrasado e vai lá e rola. Muitas vezes eles chegam em locais de bar, envolvendo álcool, uma festa no meio da rua.

O discutido por Naruto sugere uma centralidade da sexualidade masculina no ato sexual em si, o que pode reforçar a ideia de que pode existir uma separação muito bem definida entre a prática sexual (nesse caso, a prática homossexual) e a identidade sexual dos sujeitos, mas além disso, a fala de Naruto também aponta para um componente de performatividade de masculinidade voltada a centralidade do ato sexual na sexualidade masculina. Santos (2015) defende que os homens são socializados por um lado a regular a expressão emocional e afetiva, pois demonstrar emoções seria demonstrar fragilidade e isso os aproxima do campo feminino e por outro a viverem uma hiper sexualização. Kubicek (2016) explica que os homens são ensinados a terem fortes necessidades性uals e estes geralmente são os iniciadores de investidas性uais, sendo ativos na busca de parceiros. Nesse sentido, encontramos na performatividade de masculinidade e nos estereótipos de gênero, pistas que nos ajudam a compreender por que Naruto relatou anteriormente que é ‘fácil’ ir pra cama com um hétero em Tabatinga.

Os participantes trouxeram informações importantes em relação a reconhecer esse homem:

Shun de Andrômeda: Meus amigos me ensinaram a “catar” (perceber o homem hetero que ‘curte’): no caso, numa festa ou num bar, tem uma pessoa que curte e uma pessoa que é gay, né? As gays a gente cata na hora porque quem é gay mesmo demonstra, a gente vai catar. Agora o cara que curte, eu acho que é um pequeno detalhe [...] a gente cata referente a gestos, porque acho que gestos é o que mais tá evidente. A gente sempre trata o olhar de quando alguém tá desejando a gente, algo do tipo, quando alguém quer ficar com a gente. Assim: “Aquilo ali ó, olhar de quem quer mas não finge que não, mas curte essas coisas” [...] A gente percebe no gesto da pessoa ou a gente percebe no olhar.

Tobi: Porque ele falava piadas, assim, indiretas, queria me castigar, essas coisas. Por causa que ele tinha brincadeira. Ele era muito, assim, cheio de jogos.



As falas dos participantes podem ser compreendidas a partir do gênero como performatividade e teatralidade de masculinidade. Plaza (2015), ao investigar a dinâmica entre garotos de programa e seus clientes homens, encontrou uma teatralidade nos encontros e dinâmicas sexuais entre os envolvidos. O ponto central era um estilo de comunicação sutil, visto que o sigilo é uma condição essencial para a realização do programa. Esse estilo de comunicação envolvia gestos, olhares e outros comportamentos que demandam dos envolvidos um jogo duplo de conhecimento/reconhecimento, ou seja, o estilo de comunicação deveria ser sutil o suficiente para passar despercebido pelos outros, mas explícito o suficiente entre os sujeitos interessados. Shun de Andrômeda e Tobi retratam duas formas sutis de comunicação, o olhar e as brincadeiras, olhares e brincadeiras essas que são carregados de significados que somente os envolvidos compreendem. As brincadeiras de duplo sentido também foram identificadas como uma estratégia de HSH héteros para conseguir sexo com homens gays na pesquisa de Rios e Souza Araújo (2024), onde os autores explicam uma forma de ‘teia dos desejos’ homoeróticos, que pouco tem a ver com identidade e mais com sentidos que permitem identificar potenciais homens disponíveis para sexo com outros homens.

Há ainda que se destacar que a fala de Shun de Andrômeda dialoga com a fala anterior de Naruto, onde os mesmos citam que as festas, bares e outros espaços em que se consuma álcool, são lugares que se podem encontrar homens hétero para ‘curtir’. Dallo e Martins (2018) explicam que o álcool geralmente é utilizado para facilitar o ato sexual, pois diminui a inibição e facilita a sociabilidade. De Souza (*et al.*, 2022) explicam que pessoas com práticas sexuais dissidentes da heterossexualidade podem usar do álcool para lidar com a tensão provocada por seus desejos sexuais e esse uso esteve associado a diminuição do estresse de minorias, possibilitando o relaxamento para se divertir. Dessa forma, o contexto de uso de álcool relatado neste estudo pode estar associado a facilitação do encontro sexual entre o HSH hétero que ‘curte’ e o homem gay.

3.2 Relacionamentos com homens héteros casados com mulheres

Dos seis participantes desta pesquisa, cinco relataram já ter tido e/ou ainda ter relacionamentos íntimos com HSH héteros que tem relacionamento estável com mulheres. Essa categoria trouxe algumas pistas sobre:

Naruto: A última vez que eu me lembro foi... Eu tava num local, numa festa, e o marido da minha colega, ele disse: “ah, nunca curti, nem nada, queria provar como que é”. Eu falei: “É? Tá afim?” Ele falou: “Tô, então bora”. A gente foi, tipo, sem muita enrolação e frescura, a gente foi pro motel e, tipo,



comecei a ter relações sexuais. É estritamente sexo, nada de sentimento nem envolvimento. Pra mim, isso foi um ato sexual mesmo, de sexo mesmo, de aliviar. Nada mais. Nada que envolva sentimento. Foi teso naquela hora.

A fala de Naruto aponta para os estereótipos de gênero como fatores determinantes nessa questão. O que se observa é o reducionismo da sexualidade masculina ao ato sexual em si. De Souza (2024) explica que os significados da homofobia têm impacto importante no desenvolvimento social de muitos HSH. O autor defende que para lidar com as pressões discriminatórias advindas da homofobia e seus próprios desejos, o exercício da sexualidade por muitos HSH é iniciado e mantido pelo segredo, mas mais do que isso, essa complexidade limita o desenvolvimento de vínculo social entre HSH, visto que muitas vezes esse contexto reduz a sexualidade ao ato sexual em si. Essa questão aparece explícita na fala de Naruto quando o mesmo relata que o envolvimento com HSH heteros casados com mulheres é estritamente sexual.

Souza (2022) explica ainda que a sexualidade masculina reduzida ao ato sexual é quase que uma norma para homens que se relacionam com homens. O processo funciona como uma forma de consumo que confirma a masculinidade dos envolvidos em uma forma de pacto pelo sexo. Quando Naruto fala que o ato sexual aconteceu de forma rápida, sem enrolação ou frescura, a enrolação ou frescura pode indicar qualquer interação que fuja do objetivo sexual em si, ou seja, a primazia é pelo ato sexual e qualquer outra interação é dispensável. Esse componente de performatividade de gênero pode auxiliar na compreensão do porquê a infidelidade é um fenômeno comum entre homens, visto que a hiper sexualização contribui para que a monogamia seja rompida com mais facilidade pelos mesmos (De Santis *et al.* 2014).

Os relatos trazem algumas outras questões sobre o contexto dessas relações, observemos:

Tobi: Enfim, ele era casado... tinha toda essa situação [...] mas ele prometia que ia se separar, acabou que nunca aconteceu. Sei lá... Estudamos juntos, né? Eu tava com uma dificuldade financeira na época, minha mãe tava doente, foi pra Manaus e ele me ajudava. Meu pai tava alcoólatra, então como ele era mais velho, era meu suporte. Era uma coisa até dolorosa, porque... Por exemplo, ele não me apresentava para as amizades dele. Era muito no sigilo, quando os amigos estavam, ele não olhava para mim. Fiquei dois anos nessa situação... humilhante né? Porque eu tava, assim, num ciclo muito dependente psicologicamente. Então, acho que ele veio com um suporte e, ao mesmo tempo, tinha que aceitar as migalhas que ele me dava.

Tobi nos dá pistas que contradizem a ideia de que a sexualidade masculina nesse contexto sendo reduzida ao ato sexual em si. Tobi relata um relacionamento de dois anos com esse parceiro, o que pode sugerir que o tipo de relação que os dois estabeleceram



extrapolou a ótima de encontros sexuais únicos como no caso relatado anteriormente por Naruto. No caso de Tobi, podemos observar o contexto de uma relação de masculinidades como descrita por Connell (1995). O parceiro hétero casado com mulher de Tobi pode ser compreendido como aquele mais próximo ao projeto social de masculinidade hegemônica, enquanto Tobi representa a masculinidade subordinada, ou seja, o homossexual sendo subordinado ao heterossexual, mesmo que estes tenham algum tipo de relacionamento íntimo.

Essa hierarquia ainda era mantida por algumas intersecções no disposto por Tobi: o parceiro hétero mantinha Tobi subordinado sob uma espécie de relação de poder baseado na esperança de término do casamento com sua esposa para ficar com ele, o que não ocorreu, mas ainda se observa que o parceiro era mais velho e tinha melhores condições financeiras que Tobi, isso matinha Tobi em certo controle dentro da relação íntima, considerando a performatividade de masculinidade pela idade (o respeito ao homem mais velho e experiente) e a dominação financeira devido a condição de vulnerabilidade social de Tobi. O disposto dialoga com o que Pimenta e Natividade (2012) explicam: na performatividade de masculinidade, o poder é traduzido como o estabelecimento de relações e práticas de subordinação para aquele que é percebido como inferior. Woodyatt e Stephenson (2016) explica que nos relacionamentos íntimos entre homens, parceiros com maiores recursos financeiros foram percebidos como tendo poder sobre seu parceiro com menos recursos, de forma a controlá-lo na relação. Observamos então a intersecção entre gênero, idade e classe social na produção da relação íntima de Tobi com seu parceiro HSH hétero. Klaus continua nas reflexões sobre essa questão:

Klaus: Quem compra sexo aqui geralmente o homem que é casado e vive um relacionamento heteronormativo, mas tem os seus desejos. E aí, isso acontece. E aí entra uma situação, porque geralmente esses homens, eles têm essa questão do poder. Porque geralmente eles são muito bem casados, com mulheres de boas famílias e geralmente tem um poder aquisitivo para manter a identidade secreta, saber com quem se relacionar e comprar esse sigilo.

O principal marcador descrito na fala de Klaus é o poder exercido pelo dinheiro. Mas não podemos pensar o poder como exercido a partir de uma única via. Minha visão de poder é baseada em Foucault (1996), que defende que o poder não é algo que se possua, mas é um exercício contextual, localizado e exercido sobre os corpos dos sujeitos em via de mão dupla nas suas relações sociais, visto que todos podem exercer poder. No caso descrito por Klaus, um olhar atento permite encontrar uma relação de poder: o HSH casado usa do dinheiro para comprar o sigilo de outros homens e manter a satisfação dos seus desejos. Resultado parecido com esse foi descrito por Souza (2022) que apontou para



o uso do dinheiro como forma de exercer poder dentro da relação íntima entre homens. Mas o autor ainda explica que se por um lado, um parceiro pode usar de poder financeiro na relação, o outro pode usar do poder relacionado ao sigilo da identidade do HSH hétero, portanto, as relações de poder entre as masculinidades são mantidas, dentre outros, por questões relacionadas a classe social (Kimmel, 1998).

Cabe ainda destacar que Foucault (1998), ao se debruçar sobre a história da sexualidade, explica que essas relações de poder nas relações homossexuais masculinas na Grécia antiga tinham outras configurações. O autor observou que as práticas sexuais entre homens nesse contexto envolviam relações eróticas e educacionais, o que foi chamado de pederastia, e isso era encarado como uma forma de sociabilidade entre homens. Contudo, isso não ocorria sem contradições. Foucault ainda explica que o que era criticado era a posição sexual “passiva”. E até hoje essa questão está presente na inferiorização de homens homossexuais, exatamente pela diferenciação entre o ‘homem gay’, que seria o homem que mantém relações homossexuais, mas é viril e mais próximo do projeto de masculinidade heterossexual porque assume a posição ativa na relação sexual, ou seja, é o que penetra, e a ‘bixa’, que é um homem que mantém relações homossexuais, mas é feminilizado, pois é o que é penetrado (Fry, 1982). Nesse sentido a homossexualidade como encarada neste estudo é uma construção moderna, mediada por diversos fatores históricos e sociais

Os relatos das entrevistas sugerem que os HSH héteros casados são ativos na busca por homens gays para encontros sexuais:

Entrevistador: Por que você se interessa por esses caras do “tipo hétero”?
Tobi: Cara, porque eles que vem pra mim e começam a falar. Mas só que pra tu ver, esse homem (referindo-se a um homem casado com mulher com quem teve um encontro sexual), eu nem sabia se ele tinha mulher. Mas eu perguntei: “e aí você é casado?” (ele respondeu) “Não, eu tenho filho grande já...” E depois eu descobri que não, que ele tinha uma mulher e tudo mais. Mas é porque na maioria das vezes eles omitem.

Caio: Os safados são eles, porque eles deitam com a gente e querem bancar de hétero pra elas (para as esposas). Eles vivem uma vida assim, bancando de hétero, mas na verdade, por trás das cortinas eles curtem sim.

Naruto: A maioria das vezes é eles que chegam em mim. Quando eles percebem que a gente curte, eles vão lá e chegam perto com segundas intenções.

O tipo de relação descrita nestas falas pode ser compreendido no encontro desigual entre iguais. Ferrari e Barbosa (2015) ao pesquisar homossexualidades masculinas em uma cidade pequena, observaram que os HSH heterossexuais que mantinham relações性uais com homens gays são desiguais porque a sociedade valoriza



o homem hétero e desvaloriza o homem gay, ou seja, por mais que os dois tenham ganhos sexuais através do prazer na relação, somente um deles tem que administrar a carga de discriminação e preconceito, enquanto o outro absorve apenas o prazer sexual. A busca ativa de HSH que não se consideram homossexuais por sexo com outros homens também é relatada nas pesquisas de Miskolci (2013) e de Paranhos, Inácio Costa (2022).

A fala de Tobi, quando o mesmo aponta que o parceiro com quem teve o encontro sexual ocultou que tinha uma esposa, pode apontar para o que Souza e Rodrigues (2023) discutem. Os autores investigaram que garotos de programa, ao se encontrarem com seus clientes homens, ocultam muitas informações de sua vida, para a segurança de ambos. Algo parecido pode ser observado nas relações descritas nesta pesquisa, onde os HSH héteros disponibilizaram poucas informações sobre suas vidas para manter o contato com o homem gay o mais restrito ao sexo o possível.

Caio aponta para um aspecto voltado à performatividade de masculinidade. Devido a estereótipos da heteronorma, muito homens que não atendem os padrões comportamentais de masculinidade são lidos como homossexuais (De Souza, 2024), portanto, para esconder seus desejos homossexuais, parece ser necessário ‘bancar de hétero’, ou seja, investir na performatividade de masculinidade tradicional. Por fim, Naruto aponta para a teia de sentidos discutida por Rios e Araújo (2024), na perspectiva de identificar um potencial parceiro sexual através de olhares, gestos, comportamentos e estilos comunicacionais.

Foi discutido ainda porque os participantes escolheram manter os encontros com os homens mesmo sabendo que eles eram casados:

Entrevistador: Você continuou tendo outras relações com ele sabendo que ele era casado, por que?

Gabriel: Pior que continuei. Eu ainda estava meio que no armário e porque tipo, ele não ia contar as coisas e eu também não ia contar. Então meio que era um encobrindo o outro assim. Um não ia contar sobre o outro.

A fala de Gabriel traz dois atravessamentos importantes. Resgatando Sedgwick (2007) quando o autor discute sobre a epistemologia do armário, o autor discute que os gays quase sempre estão no armário para alguém que lhes é importante, seja na ordem pessoal, econômica ou institucionalmente falando. O armário se torna então um regime de controle dos corpos e desejos, sempre exigindo do sujeito novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. De Souza (2024) explica que permanecer no armário limita a possibilidade de vivência da sexualidade entre homens que se relacionam com outros homens, demandando estratégias relacionais



próprias da relação para manter a dualidade de uma vida sexual com outro homem nula em público e ativa em privado. A permanência no armário é um dos principais fatores de estresse de minorias discutidos por Meyer (2003), visto que o autor defende que muitos homossexuais constroem sua identidade sexual baseada em estereótipos negativos da homossexualidade presentes na sociedade e além disso, no caso de Gabriel, podemos refletir que o sigilo poderia ser um fator de tensão entre os dois, visto que um dependia do sigilo do outro.

A interdependência refletida na relação dos mesmos aponta para uma relação de masculinidade cúmplice como descrita por Connell (1995). Tal masculinidade é caracterizada por certa aproximação com o projeto de masculinidade hegemônica, mas devido as intersecções envolvidas, como raça ou etnia, orientação sexual, performatividade de gênero, classe, deficiência, dentre outros, acaba por não conseguir se manter no padrão hegemônico, considerando que a masculinidade hegemônica está constantemente se modificando para padrões cada vez mais elevados¹, porém, no caso descrito por Gabriel, podemos refletir que o aspecto hegemônico que o mesmo incorpora é o prazer sexual, visto que os estereótipos de gênero estimulam uma performatividade hiper sexual para homens, mas ao mesmo tempo, Gabriel, por ser homossexual, se distancia da masculinidade hegemônica, por outro lado, ainda é possível perceber Gabriel como uma masculinidade subordinada, visto que seu parceiro se identifica como heterossexual e seus encontros estavam estritamente reduzidos ao ato sexual.

Há ainda um outro ponto importante a ser destacado: De Souza (2024) explica que quando homens gays se relacionam com HSH heterossexuais, os mesmos estão sendo cúmplices da violência contra as mulheres a partir da infidelidade. Isso ecoa em um determinado dado desta pesquisa: todos os cinco participantes que se envolveram com HSH que estavam em relacionamentos estáveis com mulheres continuaram mantendo os encontros – e mesmo a relação mais duradoura, como no caso de Tobi – independentemente do que a mulher do HSH sentiria se descobrisse a infidelidade, ou seja, nenhum deles considerou que a situação poderia causar sofrimento nas parceiras dos HSH. Dessa forma, os estereótipos de gênero que hiper sexualizam o corpo masculino e tornam a infidelidade quase uma norma pra homens (Souza, 2022) tem papel crucial na produção da violência contra as mulheres, entendendo a infidelidade descrita neste processo como uma violação de contrato íntimo.

Continuando nas reflexões, Tobi ainda nos dá pistas de como o relacionamento com o homem casado com mulher que o mesmo se envolveu terminou:



Entrevistador: Como o relacionamento com esse homem casado com mulher terminou?

Tobi: Quando eu falei pra ele que ele tinha que se decidir. Eu fui até a casa dele... eu vou dizer, fui atras dele. Aí ele falou que não, que jamais ficaria comigo. Que jamais ia abrir mão de estar com uma família, abrir mão da admiração das pessoas e ser motivo de vergonha. Ele tinha vergonha de mim, nojo. Mas ao mesmo tempo gostava de mim. Mas sentia nojo e raiva dele por gostar de mim.

O relatado por Tobi sugere o estresse de minorias (Meyer, 2003) em atuação na subjetividade do seu parceiro quando este relata que assumir um relacionamento com Tobi seria motivo de vergonha. O conflito entre sentir nojo e afeto por Tobi pode sugerir a internalização dos significados negativos sobre a homossexualidade e isso pode ser compreendido a partir do que Souza (*et al.* 2020) discutiram: a homofobia é um termo utilizado para conceitualizar a violência e discriminação contra pessoas que vivenciam práticas sexuais diferentes da heterossexualidade. Ela é causada por normas derivadas do sistema sexo-gênero heteronormativo, que nega, ridiculariza e estigmatiza qualquer comportamento, identidade ou relacionamento íntimo diferente da heterossexual, a partir da imposição de uma linearidade entre sexo, identidade/expressão de gênero e orientação sexual, onde homens devem ser masculinos e mulheres femininas. Um dos desdobramentos dessa questão é que muitos gays e outros HSH apresentam conflitos internos e não aceitação de seus desejos eróticos ou de sua identidade homossexual, e isso parece ser o que acontece com o parceiro de Tobi, tendo impacto em sua saúde mental.

Observemos o processo mais a fundo: o parceiro com quem Tobi teve uma relação de dois anos em segredo é militar. Tabatinga é uma cidade que fica na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia e por isso, tem a forte presença das forças armadas e de outras forças policiais. Historicamente, podemos refletir que as forças armadas apresentam uma série de formas disciplinares enraizadas na masculinidade tradicional, então comportamentos que destoem dos padrões tradicionais de masculinidade são punidos mesmo que o homem em si não seja homossexual, por sua vez, o militar que é abertamente homossexual sofre diversas formas de perseguição e punições que são camufladas, mas que são diretamente relacionadas a sua orientação sexual dissidente (Brito Júnior, 2019). Pode-se refletir que as forças armadas as quais seu parceiro faz parte disciplinaram seus comportamentos em relação a homossexualidade, mas não os seus desejos eróticos em si.

E no final das contas, o parceiro de Tobi escolheu pela disciplinarização ao projeto da masculinidade hegemônica heterossexual. Nascimento (2010) explica que um dos principais efeitos da homofobia na subjetividade de gays e outros HSH é a interferência



em suas experiências existenciais, causando uma forma de negação de si próprio, aprisionando o sujeito ao sistema heteronormativo e fazendo com que este despreze os sujeitos percebidos como homossexuais, o que foi observado no contexto descrito por Tobi.

3.3 Infidelidade

Essa categoria se tornou relevante neste estudo por que dialoga com a categoria anterior, visto que a infidelidade foi observada do ponto de vista dos HSH héteros, mas também se fez presente na história dos homens participantes da pesquisa. Reuniu-se aqui informações sobre como os participantes encaram a infidelidade em seus relacionamentos íntimos, observemos:

Naruto: Eu já traí e já fui traído. Ser infiel, ter pulado a cerca, foi um misto de adrenalina com consciência pesada. Mas a adrenalina falou mais alto. Então, foi... assim: eu era afim de uma pessoa e sem querer querendo... parece que essa pessoa me enxergou nesse dia e queria ficar e eu... Perder a oportunidade? Não posso. Então, aí rolou. Mas foi o ato só estritamente sexual mesmo, nada mais, só mesmo ato de prazer sexual e mais nada.

A fala de Naruto aponta para os estereótipos de gênero nos processos de subjetivação masculina. Para De Santis *et al.* (2014) a infidelidade é quase que uma norma para homens que se relacionam com outros homens, e Santos e Cerqueira-Santos (2016) defendem que muitos homens entendem que ser infiel é um direito, pois ela seria “natural”, do “instinto” masculino. Discordando dessa perspectiva, entendo que essa noção está mediada pela performatividade de masculinidade, visto que homens são incentivados desde tenra idade a serem ativos sexualmente e terem várias parcerias sexuais. Se a infidelidade é uma norma para homens, podemos entender, seguindo o discutido por Souza (2022) que ser infiel dá inteligibilidade aos homens, ou seja, ao performatizar a infidelidade como um aspecto de gênero, o homem confirma sua masculinidade.

Um outro aspecto que pode ser destacado na fala de Naruto foi a perspectiva de não perder a oportunidade de ter uma relação sexual. Novamente observamos os estereótipos de gênero influenciando na produção da infidelidade masculina com o possível atravessamento de que o evento de infidelidade descrito, por ser somente um ato sexual sem envolvimento emocional minimizasse o fato de ter sido uma infidelidade. Por fim, os estereótipos de gênero ainda estimulam os homens a se envolverem em situações de risco, o que pode ser observado quando Naruto relata que a situação em que foi infiel



envolveu adrenalina e consciência pesada, mas que no fim, a adrenalina venceu. Souza *et al.* (2023) explicam que o tipo de sexo preferido de HSH é o sexo do tipo ‘aventureiro’, ou seja, o sexo que envolve algum nível de transgressão, como o sexo possível através da infidelidade, o sexo em locais públicos, conhecido como *crusing* e o sexo mediado pelo uso de substâncias químicas, chamado de *chemsex*.

Naruto continua nos dando pistas sobre os motivos de homens serem infiéis:

Naruto: Eu acho que homens traem por querer ser o pegador. A autoestima de ser o mais bonito, de ser o mais viril. Porque eu acho que nós homossexuais procuramos querer ser o mais viril, o que mais pega, o que é mais desejado, o que é mais bonito. Porque é o que acontece: eu tenho essa impressão de ser masculino, da masculinidade vem quando sou o pegador, o que pega mais, o que consegue pegar mais, o que faz: “tá, eu sou o machoão, o mais desejado”.

O disposto por Naruto aponta para a infidelidade como um aspecto de performatividade de masculinidade que compensa a masculinidade do homem homossexual, ou seja: a partir dos estereótipos do sistema sexo/gênero da heteronormatividade, ser homossexual faz com que homens gays sejam lidos como menos homens, e a fala de Naruto parece apontar para a estratégia de compensação desse sistema, ou seja, Naruto compensa o fato de ser gay sendo infiel, pois isso faz ele se perceber como mais desejado e quando essa infidelidade é realizada com um HSH heterossexual, a compensação parece ser ainda maior. Souza (2022) explicou que muitos HSH usam estratégias para compensar sua masculinidade pelo fato de não atenderem os padrões de performatividade de gênero esperados socialmente. Algumas estratégias citadas pelo autor envolvem: a hiper sexualidade e o predatismo sexual, a utilização da violência e o uso do poder financeiro.

Gabriel continua nas reflexões sobre já ter sido infiel:

Gabriel: Já. Acredito que das vezes foi de raiva. Foi porque ele já havia me traído, entendeu? E meio que foi pra botar um troco nisso, tipo, de vingança. Tipo, eu tava com raiva, eu tava chateado, e eu lembrei: “Não, se fosse na minha vez, ele faria a mesma coisa, entendeu?” É por isso que eu acabei...

A fala de Gabriel parece apontar para uma disputa de micropoder (Foucault, 1996) entre as masculinidades no relacionamento íntimo. Por um lado, a infidelidade anterior do seu parceiro criou um desbalanceamento na relação, e para recuperar o equilíbrio, Gabriel exerce poder na infidelidade também. Por outro lado, podemos perceber que quando um homem sofre a infidelidade, esse processo é vivido com algumas características: Souza (2022) discute que quando um homem quem sofre a infidelidade, esse processo fere a sua honra, gerando então o desequilíbrio de poder descrito anteriormente. E nesse bojo, a infidelidade por vingança é uma forma de revidar o dano



vivido. Santos e Cerqueira-Santos (2016), ao analisarem publicações brasileiras sobre infidelidade encontraram dados que remontam que em relacionamentos heterossexuais, as mulheres geralmente são infiéis em resposta a infidelidade masculina, o disposto por Gabriel dialoga com essa questão, o que pode apontar para uma certa reprodução da heteronormatividade no seu relacionamento íntimo, assim, quando a infidelidade é movida por vingança, ela ganha um tom de legitimidade.

A infidelidade gerando um desequilíbrio de poder também foi relatada por Naruto, mas por um outro ponto de vista, observemos:

Naruto: Quando eu fui traído, a minha reação, assim, não foi algo ruim, foi algum alívio, porque tirou de mim aquele peso: “Ah, eu traí”. Então, pra mim não foi tão ruim. Quando eu descobri, pra mim foi um alívio de tirar de mim aquele peso de traição de que só eu tinha traído.

Sattler, Tavares e Silva (2017) explica que uma das principais consequências da infidelidade é a culpa, que pode ter impacto na continuidade e qualidade da relação. No caso de Naruto, descobrir a infidelidade do seu parceiro teve a função de diminuir o estresse emocional de sua infidelidade, funcionando também como uma forma de restauração do equilíbrio da relação. O disposto reforça a questão de que as relações íntimas entre homens têm componentes cruciais de relação de poder, como defendido por Souza (2022).

4 Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi compreender os significados da homossexualidade masculina para HSH no município de Tabatinga, interior do Amazonas. Foi possível a construção de três categorias: 1) Os caras héteros que “curtem”; 2) Relacionamentos com homens heteros casados com mulheres; 3) Infidelidade.

Pode-se concluir que a homossexualidade masculina na cidade é marcada por relações de poder baseada em performatividade de masculinidade, reducionismo da sexualidade masculina ao ato sexual, sigilo como um componente crucial, uma linguagem específica que envolve códigos complexos através de gestos, olhares, uso de álcool, a busca ativa de HSH heterossexuais por sexo com homens gays/bissexuais e a infidelidade dando inteligibilidade e confirmando a masculinidade dos participantes.

Por ser uma cidade pequena, no interior do Amazonas, várias estratégias são necessárias para manter os encontros sexuais, o que pode fazer com que homens gays/bissexuais se tornem cúmplices dos HSH héteros, tendo como o único benefício, o



ato sexual, pois como observado na relação do participante Tobi, o HSH com quem o mesmo se envolveu jamais assumiria uma relação com ele.

A primeira categoria nos trouxe pistas de que alguns homens podem apresentar desejos homoeróticos que estão na fronteira entre suas identidades sexuais. Enquanto Naruto, Gabriel e Caio apresentaram um estilo de encontros com outros HSH de cunho estritamente sexual, Tobi vivenciou uma relação afetiva e sexual por dois anos com um HSH que se identificava como heterosexual. Isso parece sugerir que a sexualidade é fluida e as imposições classificatórias são fruto de discursos historicamente produzidos para vigiar e controlar os corpos.

A segunda categoria apontou que as relações mantidas entre os homens participantes dessa pesquisa e os HSH heterossexuais casados tem diversas normas e condicionantes, como o foco na relação sexual em si, relações de masculinidades onde o HSH hetero subordina o homem gay baseada na intersecção entre gênero, idade e poder advindo de diferenças entre condições financeiras e que os HSH heterossexuais foram os que tiveram iniciativa na busca por homens gays/bissexuais para terem relações íntimas e que a manutenção dessas relações requer que um seja cúmplice do outro, inclusive na violência contra as mulheres.

A categoria infidelidade, por sua vez, sugeriu a mesma como uma norma para a maioria dos homens nesta pesquisa e que uma das possíveis contribuições explicativas dos motivos pela escolha por ser infiel está atrelado aos estereótipos de gênero, visto que o reducionismo da sexualidade ao ato sexual e o incentivo ao sexo são componentes de performatividade de masculinidade presentes em todo o percurso de desenvolvimento dos homens, e atrelado a isso, a infidelidade parece fazer parte do rol do ‘sexo aventureiro’, por conta de seu potencial transgressor, além de que a infidelidade parece confirmar a masculinidade de quem é infiel, mas pode gerar certa carga de sofrimento psíquico.

Por fim, torna-se necessário apresentar as limitações deste estudo. A principal dificuldade desse estudo foi encontrar participantes dispostos a falar sobre suas experiências homossexuais, portanto, os resultados aqui discutidos não podem ser generalizados. Foram observados dados sobre o contexto cultural da cidade, que envolve o encontro entre as culturas indígenas brasileira, peruana e colombiana, mas esses dados foram organizados em um outro artigo. Além do mais, neste estudo, apesar de existir um participante bissexual, o foco foi direcionado aos aspectos das suas vivências homossexuais, sendo que a experiência do participante com mulheres foi organizada em outro trabalho.



Referências

- AMATUZZI, M. L.; BARRETO, M. do C.; LITVOC, J.; LEME, L. E. G. Linguagem metodológica - parte 1. **Acta ortopédica brasileira**, São Paulo, v. 14, n.1, p.56-57, ago. 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRITO JÚNIOR, J. F. “Na verdade, eu sobrevivi”: a homossexualidade no exército brasileiro. **Holos**, Natal, v. 3, n. 5, p. 75-89, mar. 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. 22. ed. RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- CASALI, J. P.; GONÇALVES, J. P. Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão – REDD**, Campinas, v.10 n.2, p.84-92, jun. 2018.
- CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.1, p.241-282, abr. 2013.
- CONNELL, R. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- COSTA, A. H. C. Homens que fazem Sexo com Homens (HSH): Uma categoria, muitos significados. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Editora UFC, 2009, p. 1-8. Disponível em: <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1464.pdf>. Acesso em: 02, set. de 2025.
- CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DALLO, L.; MARTINS, R. A. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n.1, p. 303-314, jan. 2018.
- DE SANTIS, J.; GONZÁLEZ-GUARDA, R.; PROVENCIO-VASQUEZ, E.; DELEON, D. The Tangled Branches (Las Ramas Enredadas): Sexual Risk, Substance Abuse, and Intimate Partner Violence Among Hispanic Men Who Have Sex With Men. **Journal of Transcultural Nursing**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 23-32, ago. 2014.
- DE SOUZA, D. C. Homens cisgêneros gays e a sexualidade: Reflexões e inquietações. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 7, n. 22, p. 1-15, ago. 2024.
- DE SOUZA, I. C.; TAVARES, T. M. C. L.; BESERRA, G. de L.; JÚNIOR, A. J. L. de A.; SOUSA, W. M. A.; RIBEIRO, S. G.; SOARES, P. R. A. L.; PINHEIRO, A. K. B. Consumo de drogas e suporte social percebido por minoria sexual. Consumo de drogas e suporte social percebido por minoria sexual. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.43, n. 1, p.e20210151, jul. 2022.
- FERRARI, A.; BARBOSA, J. G. C. de V. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Campinas, v. 8, n. 11, p. 211-236, jan. 2015.
- FRY, P. **Para inglês ver**: Identidade e política na cultura brasileira. Zahar: São Paulo, 1982.



FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II:** o uso dos prazeres. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados – Tabatinga, Amazonas.** Tabatinga, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/tabatinga.html>. Acesso em: 25 jan. 2024.

JUNQUEIRA, R. D. Currículo, cotidiano escolar e heteronormatividade em relatos de professoras da rede pública. In: FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORA, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, Editora UFSC, 2010. p.1-10

KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Rio de Janeiro, v.4, n.9, p.103-117, out. 1998.

KUBICEK, K. Setting an Agenda to Address Intimate Partner Violence Among Young Men Who Have Sex With Men. **Trauma, Violence, & Abuse**, [S. l.] v. 19, n. 4, p. 473-487, out. 2016.

MACHADO, B. F. Estudos de masculinidades: a crise masculina, a masculinidade hegemônica e a paternidade em Onde estão os ovos? de Fabrício Carpinejar. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v.7, n.11, p.49-63, nov. 2016.

MEYER, I. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychol Bull.**, Bethesda, v.129, n. 5, p.674-697, set. 2003.

MISKOLCI, R. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, maio. 2013.

NASCIMENTO, M. A. N. do. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? **Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social**, Barcelona, v.17, n. 1, p. 227–239, mar. 2010.

PARANHOS, W.; INÁCIO COSTA, C. M. “Curto uma pegação no sigilo”: o Grindr como território de subjetivações dos espaços de desejo. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 18, p. 176–196, jan. 2022.

PIMENTA, S. M. de O.; NATIVIDADE, C. Humano, demasiadamente humano: sobre emoções e masculinidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.28, n.spe, p.605-637, mar. 2012.

PLAZA, R. C. UNIVERSOS PARALELOS: Turismo sexual comercial entre hombres en el Puerto de Veracruz, México. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 24, p 848-866, jun. 2015.

REBOUÇAS, W. A. S.; MARINHO, I. da C.; SILVA, Y. R. C. da. Comunidade LGBTQIA+ e as condições de acesso e permanência no ensino superior. **D'GENERUS: Revista de Estudos Feministas e de Gênero**, Pelotas, v. 1, n.1, p.582-602, mar. 2022.

RIOS, L. F.; ARAÚJO, M. S. Homens que curtem”: reflexões etnográficas sobre pesquisas com homens com práticas bissexuais na periferia da cidade. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 2, n. 20, p. 215–244, jun. 2024.



SANTOS, L. Homens e expressão emocional e afetiva: vozes de desconforto associadas a uma herança instituída, **Configurações**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 31-48, jun. 2015.

SANTOS, L. R.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Infidelidade: uma revisão integrativa de publicações nacionais. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 85-98, fev. 2016.

SATTLER, M. K.; TAVARES, A. C. C. N.; SILVA, I. M. da. A infidelidade no relacionamento amoroso: possibilidades no trabalho clínico com casais. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 162-175, maio. 2017.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**. Campinas, v. 28, n. 1, p.19-54, abr. 2007.

SOUZA, D. C. de; DUQUE, A. do N.; CASTRO, Í. G. de; MESQUITA, I. da S. A produção literária sobre homofobia internalizada. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 2, n. 5, p. 171-189, mar. 2020.

SOUZA, D. C. de; RODRIGUES, I. M.; ARAÚJO NETO, D. S. de. Chemsex entre HSH: Revisão integrativa. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 1-29, nov. 2023.

SOUZA, D. C.; RODRIGUES, I. M. Prostituição masculina – revisão integrativa. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. e023021, ago. 2023.

SOUZA, D. C. de. **Relacionamentos abusivos**: Significados atribuídos por jovens acadêmicos da UFAM. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SOUZA, D. C. de. **Violência nas relações homossexuais masculinas em Manaus**. Manaus: editora UEA, 2022.

SOUZA, D. C. de; HONORATO, E. J. S.; BEIRAS, A. Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: revisão da literatura. **PSI UNISC**, Santa Cruz, v. 5, n. 1, p. 127-143, jan. 2021.

SOUZA, E. de J.; SILVA, J. P. da; SANTOS, C. Homofobia na escola: as representações de educadores/as. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.23, n.3, p.635-647, set. 2015.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, dez. 2014.

WOODYATT, C.; STEPHENSON, R. Emotional intimate partner violence experienced by men in same-sex relationships. **Cult Health Sex**, Londres, v. 18, n, 10, p. 1137-1149, 2016.

Recebido em: 30 de março de 2025.

Aceito em: 24 de junho de 2025.